



Nome da Escola: \_\_\_\_\_

Nome do Estudante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2020

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

Caro estudante, estas aulas são ferramentas que poderão auxiliar na sua aprendizagem, com o compromisso de desenvolver a sua proficiência leitora, o senso crítico, a curiosidade e a pesquisa. Este material foi elaborado para ampliar algumas habilidades essenciais, por meio de atividades que representam um verdadeiro diálogo entre você, estudante, o professor e o conhecimento. Vamos lá!

## AULA 1

# CONHECENDO TEXTOS DRAMÁTICOS – PARTE I

### OBJETIVOS DA AULA

- Ler textos do gênero textual teatral (dramáticos);
- Analisar a estrutura linguística dos textos do gênero textual teatral.

Estudante, nesta Sequência de Atividades estudaremos textos teatrais, pertencentes ao gênero dramático. Para isso, é importante lembrar que os gêneros literários épico, lírico e dramático possuem elementos comuns e específicos, uma vez que expõem conflitos diversos, especialmente aqueles advindos da relação do homem com mundo e do homem com ele mesmo.

No texto dramático, o narrador conta a história enquanto os atores encenam e dialogam por meio das personagens. A representação de personagens e de suas ações em peças teatrais e filmes, inseridos em diferentes cenários, espaços e tempo, traz a possibilidade de tornar o imaginado mais próximo de quem o representa e do público que assiste a essa atuação.

### Vamos analisar o texto do gênero textual teatral?

## ATIVIDADE



- 1 Leia com atenção o excerto do texto “Entre a Missa e o Almoço”<sup>1</sup> de Arthur Azevedo.

### ENTRE A MISSA E O ALMOÇO

Arthur Rezende (1855-1908)

*Entreato cômico*

Representado no Teatro Recreio Dramático, em 25 de outubro de 1907.

### Personagens

<sup>1</sup> REZENDE, A. Entre a missa e o almoço. Biblio – a biblioteca virtual de literatura. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/AfonsoArinos/afonsoarinos.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2020.



A viscondessa, Isaltina, Dudu, Luísa, Laura, Elisiária, Arnaldo Viegas e Pedro  
Rio de Janeiro. Atualidade.

Sala em casa da viscondessa. Boa mobília, quadros, objetos de arte etc. Porta ao fundo dando para o jardim. Duas portas à direita, janela à esquerda.

### CENA I

PEDRO, depois ARNALDO

(Ao levantar o pano, Pedro, o copeiro da casa, espana os móveis; alguns momentos depois, ouve-se uma campainha elétrica. Ele vai à porta do fundo e olha para fora).

PEDRO - Oh! O sr. dr. Arnaldo! Entre, sr. doutor! (*Arnaldo entra*). Como tem passado vossa senhoria? Vossa senhoria não se lembra de mim? Sou o Pedro... o Pedro, que foi copeiro de vossa senhoria!

ARNALDO - Ah!

PEDRO - Tenha a bondade de sentar-se.

ARNALDO - Obrigado. Estou bem.

PEDRO - A sra. d. Alice está boa?

ARNALDO - Creio que sim.

PEDRO - Não fique querendo mal à sra. d. Alice, não senhor; mas a sra. d. Alice foi muito injusta para comigo.

ARNALDO, *quase interessado, a seu pesar*: - Por quê?

PEDRO - Pois vossa senhoria não se lembra que ela me despediu sem razão?

ARNALDO - Não sei disso.

PEDRO - Eu fazia muito bem a minha obrigação; não havia motivo de queixa; entretanto, o pretexto foi que o meu serviço era mau. (*Sorrindo*). Depois vim a saber de tudo...

ARNALDO, *desta vez interessado*: - Tudo quê?

PEDRO - Quem me disse foi seu Ferreira.

ARNALDO - Quem é seu Ferreira?

PEDRO - O homem da venda. A cozinheira contou que eu era "onze letras" de vossa senhoria, que trazia recadinhos em segredo a vossa senhoria... Ora seja tudo por amor de Deus!...

ARNALDO - Bom! Isso não tem importância.

PEDRO - Como não tem importância? Tem importância, sim senhor! Eu sou um pobre criado de servir, um homem de cor, mas nunca foi Mercúrio de ninguém!

ARNALDO - Isso lá vai...

PEDRO - Nunca tive patroa mais ciumenta que aquela! Vossa senhoria vivia muito apoquentado!

ARNALDO, *a quem desagrada a conversa, naturalmente por ser com quem é*, - O visconde está em casa?

PEDRO - Está sim senhor... está ali (*Apontando para a direita baixa*), no seu gabinete, ocupado com a sua advocacia!... Oh! O sr. visconde trabalha muito! Às 6 da manhã já está de pé... Senta-se à mesa de trabalho e desunha até às 11, mesmo aos domingos, como hoje!

ARNALDO - Está sozinho?

PEDRO - Sozinho. A sra. viscondessa foi ouvir missa ali na matriz. É verdade que a missa está a acabar, e a sra. viscondessa não tarda aí com as amigas.

ARNALDO - As amigas?

PEDRO - Sim, senhor. Todos os domingos, depois da missa, ela traz consigo, da igreja, quatro ou cinco senhoras da vizinhança, que vêm tomar café e conversar, aqui na sala, sobre todos os assuntos da semana... é assim uma espécie de folhetim... (*Animado por um quase sorriso de Arnaldo*) Cortam na pele das outras... e principalmente das outras, que é um gostinho. Se vossa senhoria assistisse, escondido, a uma dessas conversas entre a missa e o almoço, divertia-se a valer! são terríveis! Sabem de tudo quanto se passa na casa alheia! A sra. viscondessa é a que menos fala, mas parece que dá o cavaquinho por ouvir falar. É uma boa senhora, vossa senhoria não acha?



ARNALDO - Acho que você não perderia nada se também falasse menos. Ande, leve o meu cartão ao visconde, e pergunte-lhe se me pode receber.

PEDRO (que recebe o cartão, sai pela direita e volta logo depois.) O sr. visconde pede a vossa senhoria que entre. (Arnaldo, que examinava os quadros, sai pela direita baixa. Ouvem-se os sinos da igreja próxima.) Chi! Acabou a missa e a sala não está completamente espanada! (Espana às pressas.) A sra. viscondessa, vendo um pouquinho de pé, faz um tempo quente! Bom! Pronto! Agora é tratar do café! (*Olhando para fora ao passar pela porta do fundo*). Era tempo: aí vem o folhetim!... (Sai pela direita alta).

## CENA II

A VISCONDESSA ISALTINA, DUDU, LUÍSA, LAURA E ELISIÁRIA

(*Bem trajadas todas, mas em cabelo. Traz cada uma o seu livro de missa. A viscondessa vai para os cinquenta. Dudu tem apenas dezessete anos. É mal-educada. Luísa, sua mãe, é quarentona. As outras são senhoras de vinte e cinco a trinta anos.*)

A VISCONDESSA, entrando - Vão entrando sentem-se. Eu vou lá dentro ver o café. (*Entram outras. Dudu vai para a janela*).

ELISIÁRIA - Viscondessa, não se esqueça de recomendar que tragam a minha xícara com muito pouco açúcar! (*A viscondessa sai pela direita alta*).

LUÍSA - Tomara que o de hoje esteja melhor e o do domingo passado. Café, ou muito bom ou nenhum! (*De repente, vendo Dudu à janela*) Sai da janela, Dudu!

DUDU - Ora, mamãe!

LUÍSA - Não ouves! (*Dudu sai da janela*).

ELISIÁRIA - Há quatro, não: há cinco!

LAURA - Vocês também! Creio que há três!

ELISIÁRIA - Há cinco! Tem ouvido muita missa com aquela *toilette*!

LUÍSA - Pudera! O marido está pronto!

DUDU - Pronto para quê?

LUÍSA - "Pronto" quer dizer sem dinheiro.

DUDU - Nesse caso, também papai está pronto...

LUÍSA - Cala a boca, menina!

[...]

**2** Após ler e analisar a composição linguística do texto "Entre a Missa e o Almoço", responda às perguntas a seguir

**a.** A que gênero textual pertence o texto e qual sua finalidade?

---

---

---



b. Quais são as características que nos permitem identificá-lo como texto teatral?

---

---

---

---

3 A narrativa do texto teatral é estruturada em:

- a. ( ) Parágrafos.
- b. ( ) Versos e estrofes.
- c. ( ) Parágrafos e versos.
- d. ( ) Rubricas e falas das personagens.

4 Na sua opinião, por que o texto se enquadra na modalidade narrativa? E por que essa forma de construção foi tão importante em algumas épocas para gerar efeitos de sentido como, por exemplo, passar ensinamentos, provocar catarse<sup>2</sup> ou evidenciar certos comportamentos da sociedade? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

5 Qual dos elementos da narrativa, nesse caso, diferencia o texto teatral dos outros gêneros narrativos? Explique.

---

---

---

---

**2 Significado de Catarse:** substantivo feminino - Libertação do que estava reprimido ou sensação de alívio causada pela consciência de sentimentos ou traumas anteriormente reprimidos. [...] [Teatro] Num espetáculo trágico, refere-se ao desenvolvimento de uma espécie de purgação de alguns sentimentos do público. [Retórica] Segundo Aristóteles, a "purificação" experimentada pelos espectadores, durante e após uma representação dramática. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/catarse/>>. Acesso em: 03 jul. 2020

**HORA DA PESQUISA:** Pesquise outros exemplos de textos pertencentes ao gênero dramático, como tragédia, farsa e auto, e a função social das peças e do teatro em épocas antigas. Você poderá registrar as informações obtidas por meio de vídeos, *podcasts* e outros. Essa pesquisa poderá ser realizada em livros impressos ou por meio das plataformas digitais.

## AULA 2

# CONHECENDO TEXTOS DRAMÁTICOS – PARTE II

### OBJETIVOS DA AULA

- Reconhecer os usos de recursos semióticos entre gêneros distintos;
- Apresentar a origem do teatro, comparada às formas atuais de encenação.

Estudante, do gênero dramático extraem-se os textos escritos para serem representados, isto é, encenados. Dessa forma, tem-se o texto teatral, elaborado para tal finalidade, que se assemelha ao narrativo, essencialmente, quanto às características elementares do gênero, tendo em vista que o texto teatral se constitui de fatos, personagens e história (o enredo representado), que sempre ocorre em um determinado lugar, dispostos em uma sequência linear representada pela introdução, complicação, clímax e desfecho.

### ATIVIDADE



- 1 Leia com atenção o trecho a seguir, da Obra "O Judas em sábado de aleluia", de Martins Pena.

### O JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA<sup>3</sup>

Martins Pena

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

JOSÉ PIMENTA, cabo-de-esquadra da Guarda Nacional

CHIQUINHA

MARICOTA } suas filhas

LULU (10 anos)

FAUSTINO, empregado público

AMBRÓSIO, capitão da Guarda Nacional

ANTÔNIO DOMINGOS, velho, negociante Meninos e moleques

A cena se passa no Rio de Janeiro, no ano de 1844.

### ATO ÚNICO

Sala em casa de JOSÉ PIMENTA. Porta no fundo, à direita, e à esquerda uma janela; além da porta

<sup>3</sup> PENA, M. Judas em sábado de aleluia. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000142.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.



da direita uma cômoda de jacarandá, sobre a qual estará uma manga de vidro e dois castiçais de casquinha. Cadeiras e mesa. Ao levantar do pano, a cena estará distribuída da seguinte maneira: CHIQUINHA sentada junto à mesa, cosendo; MARICOTA à janela; e no fundo da sala, à direita da porta, um grupo de quatro meninos e dois moleques acabam de aprontar um judas, o qual estará apoiado à parede. Serão os seus trajes casaca de corte, de veludo, colete idem, botas de montar, chapéu armado com penacho escarlate (tudo muito usado), longos bigodes, etc. Os meninos e moleques saltam de contentes ao redor do judas e fazem grande algazarra.

## CENA I

CHIQUINHA, MARICOTA e meninos.

CHIQUINHA - Meninos, não façam tanta bulha...

LULU, saindo do grupo - Mana, veja o judas como está bonito! Logo quando aparecer a Aleluia, havemos de puxá-lo para a rua.

CHIQUINHA - Está bom; vão para dentro e logo venham.

LULU, para os meninos e moleques - Vamos pra dentro; logo viremos, quando aparecer a Aleluia. (Vão todos para dentro em confusão.)

CHIQUINHA, para Maricota - Maricota, ainda te não cansou essa janela?

MARICOTA, voltando a cabeça - Não é de tua conta.

CHIQUINHA - Bem o sei. Mas, olha, o meu vestido está quase pronto; e o teu, não sei quando estará.

MARICOTA - Hei de aprontá-lo quando quiser e muito bem me parecer. Basta de seca - cose, e deixa-me.

CHIQUINHA - Fazes bem. (Aqui Maricota faz uma mesura para [a] rua, como a pessoa que a cumprimenta depois a fazer acenos com o lenço.) Lá está ela no seu fadário! Que viva esta minha irmã só para namorar! É forte mania! A todos faz festa, a 2 todos namora...

MARICOTA, retirando-se da janela - O que tu estás a dizer, Chiquinha?

CHIQUINHA - Eu? Nada.

MARICOTA - Sim! Agarra-te bem à costura; vive sempre como vives, que hás de morrer solteira.

CHIQUINHA - Paciência.

MARICOTA - Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada à cadeira que acharemos noivo.

CHIQUINHA - Tu já o achaste pregada à janela?

MARICOTA - Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua, só para me verem?

CHIQUINHA - Não.

MARICOTA - O primeiro que vi, quando cheguei à janela, parado no canto, foi aquele tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

CHIQUINHA - Casa-te com ele.

MARICOTA - E por que não, se ele quiser? Os oficiais dos Permanentes têm bom soldo. Podes te rir.

CHIQUINHA - E depois do tenente, quem mais passou?

MARICOTA - O cavalo rabão.

CHIQUINHA - Ah!

MARICOTA - Já te não mostrei aquele moço que anda sempre muito à moda, montado em um cavalo rabão, e que todas as vezes que passa cumprimenta com ar risonho e esporeia o cavalo?

CHIQUINHA - Sei quem é - isto é, conheço-o de vista. Quem é ele?

MARICOTA - Sei tanto como tu.

CHIQUINHA - E o namoras sem o conheceres?

MARICOTA - Oh, que tola! Pois é preciso conhecer-se a pessoa a quem se namora? CHIQUINHA - Penso que sim.

MARICOTA - Estás muito atrasada. Queres ver a carta que ele me mandou esta manhã pelo moleque? (Tira do seio uma cartinha.) Ouve: (lendo:) "Minha adorada e crepitante estrela!" (Deixando de ler:) Hem? Então?...



CHIQUINHA - Continua.

MARICOTA, continuando a ler - "Os astros que brilham nas chamejantes esferas de teus sedutores olhos ofuscaram em tão subido ponto o meu discernimento, que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Se receberes os meus sinceros sofrimentos serei ditoso, e se não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as feras desumanas da Hircânia, do Japão e dos sertões de Minas - feras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. - O mesmo". (Acabando de ler:) Então, tem que dizer a isto? Que estilo! Que paixão!...

CHIQUINHA, rindo-se - É pena que o menino vá viver por essas brenhas com as feras da Hircânia, com os tatus e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrório? MARICOTA - E por que não? Têm-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (Tira outra carta do seio.)

CHIQUINHA - Do mesmo?

MARICOTA - Não, é daquele mocinho que está estudando latim no Seminário de S. José.

CHIQUINHA - Namoras também a um estudante de latim?! O que esperas deste 3 menino?

MARICOTA - O que espero? Não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino pode ir para São Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

CHIQUINHA - Que cálculo! É pena teres de esperar tanto tempo...

MARICOTA - Os anos passam depressa, quando se namora. Ouve: (lendo:) "Vi teu mimoso semblante e fiquei enleado e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição." (Deixando de ler:) Isto é de criança. (Continua a ler.) "Bem diz o poeta latino: Mundus a Domino constitutus est". (Lê estas palavras com dificuldade e diz:) Isto eu não entendo; há de ser algum elogio... (Continua a ler.) "... constitutus est. Se Deus o criou, foi para fazer o paraíso dos amantes, que como eu têm a fortuna de gozar tanta beleza. A mocidade, meu bem, é um tesouro, porque senectus est morbus. Recebe, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego vocor - Tibúrcio José Maria." (Acabando de ler:) O que eu não gosto é escrever-me ele em latim. Hei de mandar-lhe dizer que me fale em português. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar; estas duas recebi hoje.

CHIQUINHA - Se todas são como essas, é rica a coleção. Quem mais passou? Vamos, dize...

MARICOTA - Passou.

[...]

**2** Após a leitura e análise do trecho, como poderíamos caracterizar:

**a.** O lugar onde a família vive

---

---

---

---

**b.** A condição financeira da família

---

---

---

---



c. A época em que as personagens viviam

---

---

---

---

---

d. Os comportamentos

---

---

---

---

---

**3** Em sua opinião, por que não são comuns em nossos dias os textos teatrais como os de antigamente?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **Você conhece Martins Pena?**

Enquanto o professor fala um pouco sobre ele, tome nota, registrando as observações que você considerar importantes sobre esse autor.

---



## AULA 3

## A CONSTRUÇÃO DO TEXTO DRAMÁTICO – PARTE I

## OBJETIVOS DA AULA

- Compreender os efeitos de sentidos provocados pelos recursos utilizados para a composição do texto;
- Analisar a sequência dos diálogos nos textos teatrais.

Estudante, agora que já conhecemos o gênero textual teatro, vamos ler mais um texto desse gênero textual? Vamos lá?

## Analisando o texto!

## ATIVIDADE



- 1 Leia com atenção o excerto da peça teatral “Romeu e Julieta”, de Willian Shakespeare.

## Texto

## ROMEUE JULIETA, ATO II, Cena II

O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Romeu

**ROMEUE** – Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo.

*(Julieta aparece na janela.)*

Mas silêncio! Que luz se escoia agora da janela? Será Julieta o sol daquele oriente? Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serva, és mais formosa que ela. Deixa, pois, de servi-la; ela é invejosa. Somente os tolos usam sua túnica de vestal, verde e doente; joga-a fora. Eis minha dama. Oh, sim! é o meu amor. Se ela soubesse disso! Ela fala; contudo, não diz nada. Que importa? Com o olhar está falando. Vou responder-lhe. Não; sou muito ousado; não se dirige a mim: duas estrelas do céu, as mais formosas, tendo tido qualquer ocupação, aos olhos dela pediram que brilhassem nas esferas, até que elas voltassem. Que se dera se ficassem lá no alto os olhos dela, e na sua cabeça os dois luzeiros? Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertos, cantariam. Vede como ela apoia o rosto à mão. Ah! se eu fosse uma luva dessa mão, para poder tocar naquela face!

**JULIETA** – Ai de mim!

**ROMEUE** – Oh, falou! Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorioso para esta noite, sobre a minha frente, como o emissário alado das alturas ser poderia para os olhos brancos e revirados dos mortais atônitos, que, para vê-lo, se reviram, quando montado passa nas ociosas nuvens e veleja no seio do ar sereno.

**JULIETA** – Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseses, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

**ROMEUE (à parte)** – Continuo ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?

**JULIETA** – Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma



outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

**ROMEU** - Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

**JULIETA** Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertos, cantariam. Vede como ela apoia o rosto à mão. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.

**JULIETA** - Minhas orelhas ainda não beberam cem palavras sequer de tua boca, mas reconheço o tom. Não és Romeu, um dos Montecchios?

**ROMEU** - Não, bela menina; nem um nem outro, se isso te desgosta.

**JULIETA** - Dize-me como entraste e porque vieste. Muito alto é o muro do jardim, difícil de escalar, sendo o ponto a própria morte - se quem és atendermos - caso fosses encontrado por um dos meus parentes.

**ROMEU** - Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza. Teus parentes, assim, não poderiam desviar-me do propósito.

[...]

- 2** No texto teatral, além das falas há, também, as rubricas que orientam o modo de agir das personagens. Elas podem ser de interpretação e de movimento. Retire do texto um exemplo de cada rubrica.

---



---



---

- 3** As figuras sonoras, de palavra, de sintaxe e de pensamento, atuam na criação de efeitos de sentido especiais no texto. Elas são recursos semióticos. Identifique, em cada trecho, a figura de linguagem.

a. "Será Julieta o sol daquele oriente?" \_\_\_\_\_

b. "Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo."

---

c. "Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorioso para esta noite, sobre a minha fronte, como o emissário alado das alturas ser poderia para os olhos brancos e revirados dos mortais atônitos[...]."

---



- d. "... que, para vê-lo, se reviram, quando montado passa nas ociosas nuvens e veleja no seio do ar sereno."

---

**4** "Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza." Sobre o trecho, responda:

- a. Que tipo de impressão sobre o amor descrito provoca no leitor?

---

---

---

- b. Que recurso o autor utilizou para passar essa imagem?

---

---

---

**5** No trecho "Em teus olhos há maior perigo do que em vinte punhais de teus parentes.", a hipérbole foi utilizada para:

- a. ( ) Expressar um exagero, pois os olhos não são perigosos.  
b. ( ) Atenuar a imagem dos olhos.  
c. ( ) Atribuir um sentimento aos parentes.

**Que tal você buscar outros textos do gênero textual teatral para fazer outras leituras?**

---



## AULA 4

## A CONSTRUÇÃO DO TEXTO DRAMÁTICO – PARTE II

## OBJETIVOS DA AULA

- Compreender os efeitos de sentidos provocados pelos recursos utilizados na composição do texto;
- Analisar a sequência dos diálogos nos textos teatrais.

## Analisando a construção do texto dramático

## ATIVIDADE



1

Releia o texto *ROMEU E JULIETA*, ATO II, Cena II. A escolha de determinadas palavras ou expressões, bem como o uso de figuras de linguagem, devem ser percebidas pelo leitor como mais uma forma de o autor manifestar suas intenções comunicativas. Indique a intenção do autor ao utilizar as expressões a seguir.

- a. “- Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu?”

---

---

- b. “O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume.”

---

---

- c. “Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo.”

---

---

2

Qual é a figura presente em cada fragmento? Assinale a alternativa correta.

- a. “Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, [...]”
- ( ) Eufemismo.  
( ) Metáfora.  
( ) Hipérbole.  
( ) Onomatopeia.



**b.** "Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertados, cantariam."

- ( ) Comparação e metáfora.
- ( ) Eufemismo e prosopopeia.
- ( ) Ironia e gradação.
- ( ) Comparação e prosopopeia.

**3** Que tipo de linguagem as personagens do texto apresentam? Justifique sua resposta com fragmentos do texto.

---

---

---

---

---

**4** Releia esta fala: " - Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza." A palavra barreira, no sentido próprio, é reunião de peças de madeira ou metal para fechar uma passagem. Escarpa descalvada que margeia um rio ou estrada até certa extensão. Posto fiscal nas divisas entre Estados, destinado ao controle de circulação de veículos, mercadorias etc. Agora responda.

**a.** O que essa palavra pode estar representando no texto?

---

---

**b.** Como poderia ser a reescrita do trecho "[...] pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso."?

---

---



5

Levando em conta o texto, a palavra “curso” do trecho “Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o **curso**”, é empregada no sentido literal ou metafórico? Justifique

---

---

---

6

No trecho: “[...] quando montado passa nas ociosas nuvens e veleja no seio do ar sereno.”, que figura de linguagem se pode reconhecer? Por quê?

---

---

---

---

## AULA 5

# ANALISANDO TEXTOS DRAMÁTICOS – PARTE I

### OBJETIVOS DA AULA

- Analisar apresentações de texto dramático;
- Refletir sobre os contextos históricos e sociais.

Estudante, nesta aula, voltaremos para a análise dos contextos históricos e sociais desses textos e demais textos narrativos.

## ATIVIDADE



1

Leia o excerto do texto que traz informações acerca do contexto de produção da peça teatral “Mãe”, de José de Alencar.

### MÃE

#### JOSÉ DE ALENCAR

Rio de Janeiro, 1859

PERSONAGENS: DR. LIMA JORGE GOMES PEIXOTO VICENTE ELISA JOANA

A cena é no Rio de Janeiro A época 1855.

## ATO PRIMEIRO

Em casa de GOMES. Sala de visitas.

## CENA PRIMEIRA

ELISA e GOMES

GOMES - Já estás cosendo, minha filha?

ELISA - Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES - Por que me ocultas o teu generoso sacrifício? Cuidas que não adivinhei? ELISA - O que, meu pai?... Que fiz eu?...

GOMES - São as tuas costuras que têm suprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa e não me pediste... trabalhaste!

ELISA - Não era a minha obrigação, meu pai?

GOMES - Oh! E preciso que isto tenha um termo!

ELISA - Também hoje é 3 do mês... Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES - Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA - Ah! Precisou dele para pagar a casa?

GOMES - Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho sofrido muito. Além dessa perda irreparável, as despesas da moléstia me atrasaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dívidas que pesam sobre mim.

ELISA - E são muitas?

GOMES - Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar... Não é possível viver assim.

ELISA - Que diz, meu pai!

GOMES - Perdoa, Elisa. Foi um grito de desespero... Às vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

## CENA II

ELISA e JOANA

JOANA - Bom dia, iaiá.

ELISA - Adeus, Joana.

JOANA - Iaiá está boa? ELISA - Boa, obrigada.

JOANA - Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA - Saiu agora mesmo.

JOANA - Encontrei ele na escada. Hoje não é dia de lição de nhonhô Jorge?

ELISA - Segunda-feira.... É, e ainda nem tive tempo de passar os olhos por ela.

JOANA - Então como há de ser?

ELISA - Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANA - Pois enquanto iaiá cose, eu vou arrumando a sala: pode vir gente.

ELISA - Mas, Joana... Teu senhor não há de gostar disto!

JOANA - De que, iaiá?

ELISA - Tu nos serves, como se fosses nossa escrava. Todas as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso jantar.

JOANA - Ora, iaiá! que me custa a fazer isso?... Nhonhô sai muito cedinho, logo às 7 horas; eu endireito tudo lá por cima, num momento, porque também tem pouco que fazer; e depois venho ajudar a iaiá que se mata com tanto trabalho.

ELISA - E o **Sr. Jorge** sabe disto?

JOANA - Que tem que saiba?... Não é nada de mal!



ELISA - Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas estranhas.

JOANA - Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... Depois, Vm. não conhece meu nhonhô? Não sabe como ele é bom?...

ELISA - Oh! sei!... Há um ano que é nosso vizinho, e nesse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANA - Mas Iaiá é uma moça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... desde que nhonhô Jorge nasceu que o sirvo, e nunca brigou comigo! Se ele não sabe ralar... Olhe, Iaiá! Todas as festas me dá um vestido bonito... E não dá mais porque é pobre!

[...]

**2** Após a leitura e análise do texto, responda às perguntas a seguir:

- a.** O texto teatral tem semelhanças com o texto narrativo. Apresente fatos, personagens, tempo e lugar que podem ser extraídos do texto lido.

---

---

---

---

---

- b.** Qual a visão que se pode perceber acerca da relação estabelecida entre as personagens? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

- c.** No texto teatral escrito, as falas das personagens são introduzidas de forma diferente, marcando a forma do discurso. No texto lido, a fala das personagens é reproduzida pelo discurso direto ou discurso indireto? Exemplifique.

---

---

---

---

---



- d. Qual fato da época em que se passa a peça ainda pode ser encontrado na sociedade atual?

## AULA 6

# ANALISANDO TEXTOS DRAMÁTICOS – PARTE II

### OBJETIVOS DA AULA

- Analisar apresentações de textos dramáticos em vídeos;
- Identificar contextos históricos e sociais em diferentes narrativas.

Estudante, nesta aula, vamos estudar um pouco mais a respeito da importância dos aspectos históricos e sociais nos textos literários.

### ATIVIDADE



- 1 Leia mais um trecho da obra<sup>4</sup> "O Judas em sábado de Aleluia", de Martins Pena.

#### CENA V

CAPITÃO e FAUSTINO, no lugar do judas.

CAPITÃO, entrando - Não há ninguém em casa? Ou estão todos surdos? Já bati palmas duas vezes, e nada de novo! (Tira a barretina e a põe sobre a mesa, e assenta-se na cadeira.) Esperarei. (Olha ao redor de si, dá com os olhos no judas; supõe à primeira vista ser um homem, e levanta-se rapidamente.) Quem é? (Reconhecendo que é um judas:) Ora, ora, ora! E não me enganei com o judas, pensando que era um homem? Oh, oh, está um figurão! E o mais é que está tão bem feito que parece vivo. (Assenta-se.) Aonde está esta gente? Preciso falar com o cabo José Pimenta e... ver a filha. Não seria mau que ele [não] estivesse em casa; desejo ter certas explicações com a Maricota. (Aqui aparece na porta da direita Maricota, que espreita, receosa. O capitão a vê e levanta-se.) Ah!

<sup>4</sup> PENA, M. O Judas em sábado de aleluia. Domínio Público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000142.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

**CENA VI**

MARICOTA e os mesmos.

MARICOTA, entrando, sempre receosa e olhando para todos os lados - Sr. capitão!

CAPITÃO, chegando-se para ela - Desejei ver-te, e a fortuna ajudou-me. (Pegando-lhe na mão:) Mas que tens? Estás receosa! Teu pai?

MARICOTA, receosa - Saiu.

CAPITÃO - Que temes então?

MARICOTA adianta-se e como que procura um objeto com os olhos pelos cantos da sala - Eu? Nada. Estou procurando o gato...

CAPITÃO, largando-lhe a mão - O gato? E por causa do gato recebe-me com esta indiferença?

MARICOTA, à parte - Saiu. (Para o capitão:) Ainda em cima zanga-se comigo! Por sua causa é que eu estou nestes sustos.

CAPITÃO - Por minha causa?

MARICOTA - Sim.

CAPITÃO - E é também por minha causa que procura o gato?

MARICOTA - É, sim!

CAPITÃO - Essa agora é melhor! Explique-se...

MARICOTA, à parte - Em que me fui eu meter! O que lhe hei de dizer?

CAPITÃO - Então?

MARICOTA - Lembra-se...

CAPITÃO - De quê?

MARICOTA - Da... da... daquela carta que escreveu-me anteontem, em que me aconselhava que fugisse da casa de meu pai para a sua?

CAPITÃO - E o que tem?

MARICOTA - Guardei-a na gavetinha do meu espelho, e como a deixasse aberta, o gato, brincando, sacou-me a carta; porque ele tem esse costume...

CAPITÃO - Oh, mas isso não é graça! Procuremos o gato. A carta estava assinada e pode comprometer-me. É a última vez que tal me acontece! (Puxa a espada e principia a procurar o gato.)

MARICOTA, à parte, enquanto o capitão procura - Puxa a espada! Estou arrependida de ter dado a corda a este tolo. (O capitão procura o gato atrás de Faustino, que está imóvel; passa por diante e continua a procurá-lo. Logo que volta as costas a Faustino, este mia. O capitão volta para trás repentinamente. Maricota surpreende-se.)

CAPITÃO - Miou!

MARICOTA - Miou?!

CAPITÃO - Está por aqui mesmo. (Procura.)

MARICOTA, à parte - É singular! Em casa não temos gato!

CAPITÃO - Aqui não está. Onde, diabo, se meteu?

MARICOTA, à parte - Sem dúvida é algum da vizinhança. (Para o capitão:) Está bom, deixe; ele aparecerá.

CAPITÃO - Que o leve o demo! (Para Maricota:) Mas procure-o bem até que o ache, para arrancar-lhe a carta. Podem-na achar, e isso não me convém. (Esquece-se de embainhar a espada.) Sobre esta mesma carta desejava eu falar-te.

MARICOTA - Recebeu minha resposta?

CAPITÃO - Recebi, e a tenho aqui comigo. Mandaste-me dizer que estavas pronta a fugir para minha casa; mas que esperavas primeiro poder arranjar parte do dinheiro que teu pai está ajuntando, para te safares com ele. Isto não me convém. Não está nos meus princípios. Um moço pode roubar uma moça - é uma rapaziada; mas dinheiro é uma ação infame! MARICOTA, à parte - Tolo!



CAPITÃO - Espero que não penses mais nisso, e que farás somente o que te eu peço. Sim? MARICOTA, à parte - Pateta, que não percebe que era um pretexto para lhe não dizer que não, e tê-lo sempre preso.

CAPITÃO - Não respondes?

MARICOTA - Pois sim. (À parte:) Era preciso que eu fosse tola. Se eu fugir, ele não se casa. CAPITÃO - Agora quero sempre dizer-te uma coisa. Eu supus que esta história de dinheiro era um pretexto para não fazeres o que te pedia.

MARICOTA - Ah, supôs?

CAPITÃO - E se te valias desses pretextos é porque amavas a...

MARICOTA - A quem? Diga!

CAPITÃO - A Faustino.

MARICOTA - A Faustino? (Ri às gargalhadas.) Eu? Amar aquele toleirão? Com olhos de enchova morta, e pernas de arco de pipa? Está mangando comigo. Tenho melhor gosto. (Olha com ternura para o capitão.)

CAPITÃO, suspirando com prazer - Ah, que olhos matadores! (Durante este diálogo Faustino está inquieto no seu lugar.)

MARICOTA - O Faustino serve-me de divertimento, e se algumas vezes lhe dou atenção, é para melhor ocultar o amor que sinto por outro. (Olha com ternura para o capitão. Aqui aparece na porta do fundo José Pimenta. Vendo o capitão com a filha, pára e escuta.) CAPITÃO - Eu te creio, porque teus olhos confirmam tuas palavras. (Gesticula com entusiasmo, brandindo a espada.) Terás sempre em mim um arrimo, e um defensor! Enquanto eu for capitão da Guarda Nacional e o Governo tiver confiança em mim, hei de sustentar-te como uma princesa. (Pimenta desata a rir às gargalhadas. Os dois vóltam-se surpreendidos. Pimenta caminha para a frente, rindo-se sempre. O capitão fica enfiado e com a espada levantada. Maricota, turbada, não sabe como tomar a hilaridade do pai.)

**2** Após a leitura e análise do texto anterior, responda às perguntas a seguir:

- a. Na cena V, lemos este trecho: "Aonde está esta gente? Preciso falar com o cabo José Pimenta e... ver a filha. Não seria mau que ele [não] estivesse em casa; desejo ter certas explicações com a Maricota. (Aqui aparece na porta da direita Maricota, que espreita, receosa. O capitão a vê e levanta-se.) Ah!". O que as falas do Capitão nos sugerem em relação a comportamentos típicos da época em que a peça foi escrita?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



- b. Considerando as falas do Capitão e, também, de Maricota, é possível fazer outras inferências acerca de costumes da época em que a peça foi escrita. Levante, nesse trecho, outras situações que nos permitem saber um pouco mais sobre costumes da época.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**3**

A partir da leitura desse trecho e das atividades anteriores, escreva um parágrafo expressando seu ponto de vista sobre os costumes da época identificados no texto. Você acha que eles ainda são comuns em nossos dias? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## AULA 7

## TRANSFORMANDO NARRATIVAS EM TEXTOS TEATRAIS- PARTE I

**OBJETIVO DA AULA**

- Ler contos, crônicas ou lendas e reconstruir para a linguagem teatral, utilizando recursos linguísticos e multissemióticos.

Estudante, na aula anterior, estudamos mais textos dramáticos. Agora, sugerimos o estudo de uma crônica como um texto narrativo possível de ser transformado em uma peça teatral. Retome os textos lidos nas aulas anteriores e recorde as características do gênero dramático e do gênero crônica. Nesse sentido, é importante destacar que a crônica possui uma linguagem simples, objetiva e breve, que aborda fatos e acontecimentos do cotidiano. É um tipo de texto que apresenta um tom mais leve, na maioria das vezes irônico e humorístico.

**ATIVIDADE**

- 1 Leia o excerto da crônica de Luís Fernando Veríssimo, publicada, originalmente, no livro "Comédias da vida privada" e, posteriormente, em "Comédias para ler na escola".

**A Espada<sup>5</sup>**

Uma família de classe média alta. Pai, mulher, um filho de sete anos. É a noite do dia em que o filho faz sete anos. A mãe recolhe os detritos da festa. O pai ajuda o filho a guardar os presentes que ganhou dos amigos. Nota que o filho está quieto e sério, mas pensa: "É o cansaço". Afinal ele passou o dia correndo de um lado para o outro, comendo cachorro-quente e sorvete, brincando com os convidados por dentro e por fora da casa. Tem que estar cansado.

- Quanto presente, hein, filho?

- É.

- E esta espada. Mas que beleza. Esta eu não tinha visto.

- Pai...

- E como pesa! Parece uma espada de verdade. É de metal mesmo. Quem foi que deu?

- Era sobre isso que eu queria falar com você.

O pai estranha a seriedade do filho. Nunca o viu assim. Nunca viu nenhum garoto de sete anos sério assim. Solene assim. Coisa estranha... O filho tira a espada da mão do pai. Diz:

- Pai, eu sou *Thunder Boy*.

- *Thunder Boy*?

- Garoto Trovão.

- Muito bem, meu filho. Agora vamos pra cama.

- Espere. Esta espada. Estava escrito. Eu a receberia quando fizesse sete

[...]

5 VERÍSSIMO, L.F. "A espada". In: Novas comédias da vida privada. Porto Alegre: L&PM (14 ed.), 1995.



- 2** A partir do quadro a seguir, observando os elementos indicados, continue escrevendo a crônica à sua maneira

Personagens	Garoto, pai e mãe.
Tempo	No dia do aniversário do garoto.
Espaço	Em casa.
Conflito	O pai vê o menino com uma espada na mão.
Enredo	No dia da festa do aniversário de 7 anos do filho, o pai descobre que o menino é o <i>Thunder Boy</i> . O menino revela que lutará ao lado da justiça porque a espada passa a um novo <i>Thunder Boy</i> a cada geração. Tem sido assim desde que ela caiu do céu, no vale sagrado de Bem Tael, há sete mil anos, e foi empunhada por Ramil, o primeiro Garoto Trovão. O pai acredita e vai contar à mãe.
Clímax	O pai vê o filho dirigir-se para a janela do seu quarto, e erguer a espada como uma cruz, e gritar para os céus "Ramil!" E ouve um trovão que faz estremecer a casa. E vê a espada iluminar-se e ficar azul. E o seu filho também.
Desfecho	O pai vai contar à mãe que o filho é o <i>Thunder boy</i>
Narrador	Narrador em 3ª pessoa.
Discurso	Direto e indireto.

- 3** Agora, a proposta é transformar o texto que você acabou de escrever em um texto teatral. Vamos seguir um passo a passo?!

**a.** Em quantas cenas você dividirá o texto?

---



---

**b.** Escreva as rubricas que indicam entrada e saída de personagens.

---



---

**c.** Como as personagens são caracterizadas?

---



---

**d.** Como será o cenário?

---



---



- e. Que emoções você tentará provocar com o texto?

---

---

Agora, leia para o restante da turma o texto que você produziu.

---

## AULA 8

# TRANSFORMANDO NARRATIVAS EM TEXTOS TEATRAIS – PARTE II

### OBJETIVO DA AULA

- Reconstruir textos diversos para a linguagem teatral, utilizando recursos linguísticos e multissemióticos.

Estudante, na aula anterior, começamos a preparação para transformar uma crônica em um texto teatral. Agora vamos por em prática o que foi ensinado e discutido em todas as outras aulas. Recorde as características do texto teatral e tire as possíveis dúvidas com o professor para que possa reconstruir o conto para a linguagem teatral, utilizando os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores.

### Preparando a produção escrita

### ATIVIDADE



- 1 Escreva o texto teatral: roteiro técnico (personagens, cenário, figurino etc.), os diálogos e as rubricas.
- 2 Reescreva seu texto no caderno, fazendo as correções necessárias.
- 3 Faça uma leitura dramatizada do texto, alternando a representação de personagens com os colegas. Confira as rubricas, as escolhas de linguagem, a pontuação e a expressividade que cada fala exige.

Treine com a colaboração dos colegas e encene o texto teatral.

- Imagine como essa narrativa poderá ser encenada: as personagens e suas falas que traduzem o enredo e suas expressões, movimentos e trajes; e o cenário (quando e onde a história se passa).

